

## **DESAFIOS NA PREPARAÇÃO DE FÓSSEIS: IMPLICAÇÕES NA COLUNA DE PTEROSSAURO DA BACIA DO ARARIPE, CARIRI, CEARÁ**

**ISAAC DE LACERDA AQUINO<sup>1</sup>, RENAN ALFREDO MACHADO BANTIM<sup>1</sup>, DAVID RENATO DOS SANTOS GOMES<sup>1</sup>, ANTÔNIO ÁLAMO FEITOSA SARAIVA<sup>1</sup>**

<sup>1</sup>Universidade Regional do Cariri, Laboratório de Paleontologia da URCA, Pimenta, 63105-000, Crato, CE.  
*isaac.lacerda@urca.br, renan.bantim@urca.br, david.gomes@urca.br, alamocariri@gmail.com*

Na região do Cariri, ao sul do estado do Ceará, emergem desafios substanciais na salvaguarda do legado fossilífero da Bacia do Araripe. No Brasil, o tráfico de fósseis e adulteração é considerado crime. Contudo, alguns indivíduos enxergam nessa prática uma chance de obtenção de lucro, persistindo assim nesse caminho ilegal. Muitos desses participantes carecem de um entendimento profundo em Paleontologia, guiando-se erroneamente pela ideia de que o valor dos fósseis está intrinsecamente ligado à sua estética. Essa perspectiva desconsidera elementos cruciais, como as características diagnósticas dos espécimes, a natureza da matriz fossilífera e os indícios tafonômicas que lançam luz sobre o ambiente de origem do espécime. Recentemente, foi encaminhado para o Laboratório de Paleontologia da Urca um fóssil que até então acreditava-se tratar de uma coluna de pterossauro. Através da preparação com caneta pneumática e manual começaram a ser notadas algumas inconsistências. Primeiramente havia a presença de um material solidificado que acreditasse ser cola, ou cimento, o que implica que houve adulteração no fóssil e também a existência de diversos outros fósseis de diferentes vertebrados. Os praticantes locais, conhecidos como "peixeiros", engajam-se na alteração manual de fósseis, adulterando os espécimes para inflar seu valor e torná-los mais atrativos para leigos. Essa manipulação implica na combinação de fragmentos de diferentes espécies e exemplares, resultando na criação de peças conhecidas como "quimeras". Para essa intervenção, são empregadas colas variadas e até mesmo cimento, adicionando uma camada adicional de complexidade à preparação do fóssil e aos estudos subsequentes. Os fósseis adquiridos de traficantes carecem de informações de coleta, como localização, horizonte estratigráfico e composição da assembleia fossilífera. Essa prática acarreta uma série de consequências adversas, comprometendo a integridade de fósseis autênticos e tornando-os irreconhecíveis, o que prejudica a pesquisa paleontológica, notadamente em estudos geoquímicos, tomográficos e taxonômicos.